

SISTEMA DE PRÁTICAS PRODUTIVAS E AS REPRESENTAÇÕES DE AGROFLORESTA: em comunidades faxinalenses no Paraná tradicional

Sandra Andrea Engelmann¹
Nicolas Floriani²

Resumo

O objetivo deste trabalho é caracterizar os sistemas de práticas produtivas e as representações de agricultura e floresta em comunidades faxinalenses, localizadas na região centro-sul paranaense ou Paraná Tradicional. Essas comunidades têm desenvolvido sistemas produtivos historicamente enraizados em matrizes mitopráticas de organização socioterritorial, ressignificados a partir de distintos regimes de natureza (racionalidades) que influenciaram diretamente seus projetos coletivos e individuais, a exemplo de iniciativas produtivas que caminham para modelos mais sustentáveis (como preconiza a agroecologia) ou menos sustentáveis (tal como a agricultura moderna intensivo-industrial), assim como modelos que podem ser classificados como híbridos (mescla dos dois modelos).

Palavras-chave: Sistema faxinal, Práticas produtivas, Territorialidades.

GT2: Comunidades tradicionais na luta por territórios.

Introdução

Neste trabalho caracterizamos os sistemas de práticas produtivas e as representações de agricultura e floresta nas comunidades faxinalenses, Taquari dos Ribeiros no município de Rio Azul, Faxinal do Salto e do Marmeleiro em Rebouças, localizadas na região centro-sul paranaense ou Paraná Tradicional.

As comunidades faxinalenses apresentam uma relação de convivencialidade com a Floresta de seu território, onde desenvolvem relações socioprodutivas (agrossilvipecuária) guiadas pelo regime coletivo de uso dos bens florestais. A organização do trabalho se dá no interior da família com a vizinhança e os laços de solidariedade são reforçados pelo trabalho coletivo, conhecidos como puxirões (mutirões). Originalmente, o caboclo e o fazendeiro eram as figuras centrais dessa região, e estabeleciam relações de trocas econômicas subordinadas ao regime de propriedade da terra e ao ciclo econômico da exploração florestal, resultando em uma diversidade de formas de exploração sustentável dos ecossistemas e um modo de habitar e imaginar o território faxinalense.

¹ Professora no Instituto Federal do Paraná – Campus Campo Largo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do Grupo de Pesquisa interconexões. sandra.engelmann@ifpr.edu.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenador do Grupo de Pesquisa interconexões. florianico@gmail.com

Assim, os habitantes destas comunidades são detentoras de conhecimentos específicos sobre os ecossistemas locais e práticas que estão relacionados à territorialidade da convivencialidade, isto é, modo de viver e habitar um território-floresta, sob regime de uso e manejo comum, dos bens naturais com base na convivência dos coletivos humanos (laços de solidariedade entre a vizinhança e compadrio) e não humanos (árvores, animais, abelhas, ervas, etc). Apesar das pressões e influências externas e dos conflitos internos, decorrentes principalmente do processo de modernização da agricultura e da institucionalização do regime de propriedade privada (que estimula o individualismo), algumas comunidades ainda resistem a essas influências ou as incorporam de modo parcial.

Atualmente, essa territorialidade é ressignificada em função dos regimes de natureza territorializados sobre a região. A agroecologia, nesse contexto, aparece como um projeto alternativo de desenvolvimento rural que emerge nos discursos dos movimentos sociais das populações tradicionais, tal como a faxinalense que problematiza a modernização da agricultura sob a égide da racionalidade econômica e instrumental. A mercantilização da biodiversidade, do patrimônio cognitivo local a ela associado, e da organização comunitária do trabalho, acentua-se, com a globalização do modo de produção capitalista sobre as regiões, configurando o campo político de disputa entre regimes de natureza pela legitimação de saberes e práticas de agroflorestas em um dado território rural, exemplo disso, foi à imposição de um modelo produtivo (biotecnologia) sobre outros imaginários e práticas agrícolas, invisibilizados ou subjulgados pela ideologia dominante.

A Agroecologia configura-se, nos últimos 40 anos e mais recentemente a noção de Agrofloresta, campos sociais de disputas, por sentidos do que é natureza e agricultura, de maneira que a agroecologia pode ser concebida como campo transdisciplinar de saberes socioambientais, no qual ocorrem tensões entre discursos e apropriações de práticas de natureza de diversos atores sociais envolvidos no processo de territorialização desse campo de saberes-fazer, a partir do qual se evidenciam construções sociais dinamizadoras da transformação dos sujeitos, dos territórios e das paisagens vividas.

O procedimento metodológico utilizado neste trabalho, para compreender o sistema de práticas produtivas e as representações de natureza (floresta e agricultura), é resultado da aplicação das ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), como o itinerário técnico, entrevistas abertas, calendário sazonal de produtos da agricultura e da floresta, o mapeamento participativo dos usos das terras e dos recursos naturais e turnês guiadas

(etnocaminhadas), que foram trabalhadas com os agricultores tradicionais das duas comunidades. Neste trabalho, optou-se pela discussão dos resultados de duas ferramentas as entrevistas abertas e as turnês guiadas (etnocaminhadas).

Deste modo, partindo do princípio de que os sistemas faxinais apresentam particularidades quando comparados a outros agricultores familiares e tradicionais, pois, o uso do território se dá de duas formas diferentes, - uso privado e uso coletivo -, em cada uma dessas ferramentas procurou-se evidenciar um desses espaços.

Comunidades tradicionais: sistema faxinalense

Os faxinais são reconhecidos como comunidades rurais tradicionais por apresentar modo peculiar de habitar seus territórios, com sistemas de práticas específicas, que são guiadas por valores culturais, pela religiosidade, crenças, saberes e práticas produtivas, que constituem uma cultura específica, a faxinalense.

As comunidades faxinalenses são definidas como um sistema constituído por dois elementos vinculados, nos quais se praticam diversas atividades produtivas em diferentes graus de sustentabilidade ecológica: as ‘terras de plantar’, representadas pelos espaços de uso agrícola familiar, e as ‘terras de criar’, separadas daquelas por cercas, são representadas pelos espaços de floresta com araucária de uso coletivo onde ocorre a criação extensiva de animais à solta (CHANG, 1988; PARANA, 1997; NERONE, 2000).

Tal como ocorre em outras populações tradicionais, as comunidades faxinalenses são caracterizadas por práticas socioculturais comuns: a cooperação social e a resistência de seu modo de vida frente aos processos históricos. Tais elementos, somados ao regime de propriedade coletiva, ao sentido de pertencimento a um lugar específico e à profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva, formam em grande medida a territorialidade tradicional dessas populações (DIEGUES, 2000; LITTLE, 2002).

Não obstante, em que pese os recentes avanços do reconhecimento dos direitos sociais e territoriais dessas populações, especificamente a partir de 2007, através do decreto nº 6.040/2007, que traz amparo jurídico definindo-as como:

(...) grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Ganhar visibilidade social para garantir a reprodução de suas territorialidades passou a constituir um projeto coletivo das populações tradicionais, apoiadas por distintos atores sociais: setores da Universidade Pública, ligados à pesquisa-extensão, setores do poder público como: Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Promotoria do Meio Ambiente, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná (ITCG), Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), diversas Organizações não Governamentais (ONGs) socioambientais e sindicatos de agricultores; todos engajados no reconhecimento dos direitos dos povos tradicionais e na efetivação de estratégias de desenvolvimento socioambiental, que inclui formas alternativas de produção e comercialização, baseadas no paradigma agroecológico e na regularização fundiária dos territórios.

Deveras, no discurso desses novos sujeitos de direito aparece como um dos temas centrais a reprodução da agrobiodiversidade do Território Tradicional como elemento indissociável à reprodução de sua identidade; especificamente, a Floresta Manejada (Agrofloresta tradicional) aparece como elemento comum entre essas comunidades; coletivamente apropriada, figura como símbolo da reprodução sociocultural do modo de vida tradicional.

No caso de populações tradicionais paranaenses que habitam a Região dos Faxinais e onde se inserem também muitas comunidades paranaenses remanescentes de quilombolas, o imaginário da floresta-território pode ser interpretado como um símbolo organizador da reprodução socioeconômica da comunidade rural, elemento de resistência de suas territorialidades frente ao projeto modernizador do mundo rural (FLORIANI, 2011).

Por outro lado, pensar a reprodução socioterritorial dessas comunidades rurais tradicionais, que apresentam como traço cultural essencial a indissociabilidade das dimensões sociais, econômicas e ecológicas, requer pensar projetos e iniciativas socioambientais alternativas ao modelo de modernização hegemônico e homogeneizador do espaço rural. Tais ações alternativas devem ser capazes de agenciar as particularidades daquelas dimensões, equacionando as diferentes modalidades de acesso aos recursos de uso comum (tais como as florestas e as águas), às práticas produtivas ecologicamente sustentáveis, à equidade social, e à viabilidade econômica, nessa perspectiva a proposta agroecológica seria uma alternativa a essas comunidades.

O incentivo à conversão ao modelo de produção agroecológico, é interessante as comunidades faxinalenses, porque tem como base a resgate aos conhecimentos tradicionais e

o incremento de práticas modernas de conservação dos agroecossistemas, ressignificando deste modo suas práticas, pois, cria novas e resgata antigas concepções de paisagem e do cuidado com a natureza.

Segundo Altieri (2012, p.18) a Agroecologia é “uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e a avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”.

Por conseguinte, a Agroecologia possui, uma abordagem que contribui para os possíveis modos de otimização dos agroecossistemas, considerando seus ciclos minerais, seus fluxos energéticos, seus processos biológicos, e as relações socioeconômicas. Segundo Altieri (2012, p.18) é necessário sempre levar em conta “as interações complexas entre pessoas, culturas, solos e animais”.

Neste trabalho, a questão central é caracterizar os sistemas de práticas e as representações de agricultura e floresta em comunidades faxinalenses. Essa contribuirá, no resgate dos saberes, assim como, possibilita a visualização de como o processo de modernização influencia os agricultores tradicionais, e assim dar pistas de como esta alicerçado os sistemas de práticas desses agricultores em seus territórios, individuais e coletivos.

Territórios tradicionais

Pode-se afirmar, de maneira geral, que os territórios tradicionais latino-americanos possuem similaridades no que tange à organização de alguns aspectos socioculturais, tais como: i) formas de apropriação da paisagem: as populações tradicionais apresentam íntima relação de dependência com a natureza, cujos esquemas de práticas e uso dos ecossistemas ocorrem sob o regime coletivo dos bens naturais; ii) o uso múltiplo e diversificado de seus bens patrimoniais territorializados, baseados em esquemas de reciprocidade e comunalidade; e iii) formas de resistência e adaptação ao processo de territorialização do modo de produção capitalista sobre realidades rurais: as estratégias políticas para garantir a reprodução das práticas sociais de natureza (acesso, uso e repartição dos recursos do território) no interior do grupo e desse com outros atores sociais, portadores de distintas racionalidades (antagônicas ou convergentes), produzem diferentes (re)arranjos socioterritoriais (FLORIANI; BARRERA-BASSOLS, 2016).

Conforme os autores supracitados, tais rearranjos sociais têm repercussões nas representações, práticas e saberes de natureza, cuja combinação desses aspectos socioculturais configuram complexas e dinâmicas entidades paisagístico-territoriais, animadas por modos de habitar o lugar que diferem em termos da racionalidade moderna.

Apesar de um relativo tempo de existência deste modo de habitar³, esse fenômeno não é algo cristalizado, mas sim dinâmico e para sobreviverem estas comunidades desenvolvem conhecimentos específicos da natureza, com “saberes e fazeres diferenciados da racionalidade capitalista” (CRUZ, 2007, p.94).

Segundo Toledo e Barrera-Bassols (2008, p.16) a sabedoria tradicional é “o verdadeiro núcleo intelectual e prático por meio do qual essas sociedades se apropriam da natureza e se mantêm e se reproduzem ao longo da história”. E frente a sistemas hegemônicos apresentam uma relativa autonomia devido ao seu modo de vida solidário e voltado para subsistência.

De acordo com Barreto (2015, p.01) “o faxinalense se constitui como sujeito múltiplo; o qual busca se especializar por meio de uma diversidade de relações travadas cotidianamente pela manutenção do seu modo de vida”. Existem regras consuetudinárias dentro da comunidade que regem suas práticas, as ações de indissociabilidade com o meio e as relações com agentes ou indivíduos externos à comunidade. Atualmente essa territorialidade é ressignificada em função dos regimes de natureza territorializados sobre a região. Erguem-se perante vários segmentos a necessidade de, diante de um modelo urbano-industrial, buscar uma forma alternativa de desenvolvimento, garantindo a manutenção dos saberes e das práticas ecológicas no espaço rural.

Este novo entendimento de rural, exige uma nova abordagem de desenvolvimento, ganhando especial relevo o papel dos agricultores, que passam, conforme Schneider (2004):

[...] a orientar suas práticas produtivas não mais segundo o padrão agricultor-empresário profissional, mas, crescentemente, para o modelo de um agricultor-camponês, que é autônomo, domina tecnologias, toma decisões, controla e gestiona processos, enfim, decide sobre seu modo de viver e trabalhar nos marcos de uma sociedade capitalista. (SCHNEIDER, 2004, p. 96).

Ora, o modo de viver e de habitar faxinalense apresenta-se como projeto alternativo ao modelo urbano-industrial ancorado na estrita racionalidade econômica, por assentar-se em

³ A memória coletiva das populações faxinalenses apontam um horizonte temporal de 200 anos de existência sob essa forma de organização socioecológica na região do Paraná Tradicional e Santa Catarina.

estilos culturais fundamentados na solidariedade comunitária das relações humanas e na indissociabilidade destas com os coletivos-não humanos (o ecossistema florestal). Com efeito, a agrofloresta faxinalense exprime e sintetiza essa relação socioambiental sendo valorizada pelo projeto agroecológico ao redirecionar os saberes-fazeres locais às dimensões da sustentabilidade (FLORIANI, 2011).

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho faz parte, de um projeto maior denominado “selo socioambiental dos produtos da agrofloresta faxinalense”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Interconexões: saberes, práticas e políticas de natureza, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Este tem como objetivo, promover a capacitação sociotécnica, o empoderamento jurídico e econômico de comunidades tradicionais faxinalenses do Estado do Paraná, por meio da criação de uma identidade visual identitária, que possibilite a caracterização dos produtos e dos processos dessas comunidades tradicionais, que futuramente poderão ser identificados através do selo socioambiental “produtos da agrofloresta faxinalense”, de modo a viabilizar propostas concretas de inclusão social, para o desenvolvimento sustentável, dessas coletividades em situação de vulnerabilidade socioterritorial.

Cabe aqui destacar que, os selos além da sua função voltada para o marketing, também funcionam como ferramenta de transparência, eles tem seu papel ampliado quando além de normas expressam o modo de vida rural. (RADOMSKY, 2013). Assim, os produtos da agrofloresta compõem os chamados produtos da sociobiodiversidade, pois são:

[...] bens e serviços (produtos finais, matérias-primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem (BRASIL, 2009).

Para a escolha das comunidades contempladas pelo projeto, foram considerados alguns critérios como: baixo IDH, especificamente verificando-se os indicadores: renda, escolaridade, e a distância destas em relação à instituição executora. Assim, em abril de 2017 teve início às ações, que estão sendo realizadas em quatro comunidades, são elas: Faxinal Sete

Saltos de Baixo, no município de Ponta Grossa; Faxinal Taquari dos Ribeiros, em Rio Azul; Faxinal Marmeleiro e Faxinal Salto ambos localizados em Rebouças.

Por meio de estratégias participativas, priorizando o diálogo com a comunidade e demais agentes e setores envolvidos, o projeto divide-se em cinco etapas: 1) O Diagnóstico Rural Participativo (DRP); 2) Elaboração e viabilização dos cursos e material didático de capacitação sociotécnica; 3) Regularização Jurídica e Contábil das Associações Faxinalenses envolvidas 4) Oficinas Participativas para a Criação do Selo Socioambiental 5) Oficinas Participativas para viabilização de Novos Arranjos Institucionais e Criação de circuitos alternativos de Produção e consumo, baseados nos preceitos da economia solidária.

O projeto encontra-se ainda em desenvolvimento, desta forma, apresentamos aqui algumas discussões pontuais sobre dados levantados na fase diagnóstica (etapa 1), com recorte territorial específico em três comunidades, são elas: a comunidade Faxinal Taquari dos Ribeiros localizada no município de Rio Azul a comunidade Faxinal Salto e do Marmeleiro, localizadas no município de Rebouças – Paraná.

Como já discutido anteriormente os sistemas faxinais apresentam particularidades quando comparados a outros agricultores familiares e tradicionais, pois o uso do território se dá de duas formas diferentes, o uso privado e o uso coletivo, que geram também sistemas de práticas produtivas e de representações de natureza diferenciadas. Na busca deste objetivo, para este trabalho o procedimento metodológico utilizado foram duas ferramentas, as entrevistas abertas e as turnês guiadas (etnocaminhadas).

Modelos de sistemas de práticas produtivas

A fim de caracterizar os sistemas de práticas produtivas na agricultura, perpetradas nas comunidades faxinalenses elaboramos um modelo que frisou exemplos de sistemas caracterizados como: *modelos menos sustentáveis; modelos híbridos; e modelos mais sustentáveis*. Nesse sentido, foram selecionadas três entrevistas, em três propriedades (nas áreas de plantar), cada uma explicitando um sistema. Essas foram realizadas em duas comunidades, faxinal do Salto e faxinal do Marmeleiro os dois em Rebouças/Paraná.

Cada propriedade foi considerada uma unidade de análise, essa definição caminha para o entendimento do Gleissman (2005) denominou de agroecossistemas. Esses, fisicamente poderiam ser caracterizados, como qualquer unidade produtiva rural individual, uma lavoura ou ainda um conjunto de unidades produtivas próximas, assim como, pode ser considerado

um espaço abstrato, no qual podem ser analisadas as relações e conexões que permeiam o mundo social e natural.

Entende-se que os modelos menos sustentáveis, seriam os que aproximam do modelo tecnológico de organização e da produção amplamente difundido na agricultura capitalista moderna, baseado nas grandes monoculturas destinadas às exportações, (principalmente nos países periféricos), sendo o suporte técnico atrelado a ao pacote oriundo da chamada “Revolução Verde”, se encontra dominado por empresas multinacionais e transnacionais. Essas acabam controlando todo o processo de produção agrícola desde a produção das sementes até a comercialização (PORTO GONÇALVES, 2004).

Neste modelo, as práticas produtivas primam pela simplificação, e acabaram por difundir uma nova racionalidade entre os agricultores. Em que esses, dependerão cada vez mais de recursos externos adquiridos no mercado (adubos, pesticidas, sementes, etc.); com práticas que acarretam impactos negativos ao longo do tempo no local e no seu entorno (erosão, compactação do solo, por exemplo); com a maximização dos rendimentos que muitas vezes sacrificam a capacidade produtiva do agroecossistema a médio e longo prazo; com a implantação de monoculturas a biodiversidade biológica e cultural se perde com o tempo (saber-fazer); assim como os agricultores ficam mais dependentes de fatores econômicos externos (bolsa de valores).

Essa visão mercantilista, dos recursos naturais desvinculou simbolicamente a atenção de parte da sociedade com a natureza. O mercado agrícola entrou na hegemonia da globalização, tendo influências de domínio externo. A biotecnologia ganhou espaço nos campos agrícolas, cultivados de forma intensiva com automecanização. As formas de produzir são influenciadas pelo mercado oligopolizado, na qual agricultor esta preso a uma cadeia fechada que controla todos os processos produtivos e comerciais.

Com a globalização, as especializações agrícolas baseadas na ciência e na técnica incluem no campo modernizado em uma lógica competitiva que acelera a entrada da racionalidade em todos os aspectos da atividade produtiva, desde a reorganização do território aos modelos de intercâmbio e invade até mesmo as relações interpessoais. A participação no mundo da competitividade leva ao aprofundamento das novas relações técnicas e de novas relações capitalistas (SANTOS, 2014, p.304).

Para Floriani (2011, p. 70) “sob a égide do paradigma produtivista, uma erradicação simbólica e prática da economia camponesa, bem como das suas formas de trabalho associado, vem sendo empreendida desde a metade do século XX pela sociedade ocidental

moderna”. Esse paradigma, inaugurado pela modernidade, empobreceu a cultura técnica e econômica empírica dos agricultores levando a uma “desumanização da essência de seu trabalho”.

Entretanto, muitos agricultores resistem a esses processos de dominação (re)criaram suas relações e práticas com a natureza, desenvolvendo uma agricultura familiar, vinculada aos mercados locais, muitas vezes conectados em escalas muito maiores, como é caso de movimentos sociais rurais que atualmente se articulam em redes, e procuram trabalhar a partir do desenvolvimento dos sistemas agroecológicos.

Para Gleissman (2005, p. 565) um agroecossistema que se quer sustentável, é aquele que consegue se aproximar a partir do seu fluxo de energia de um ecossistema natural, baseado na sua capacidade de “resiliência, na estabilidade, na produtividade e no equilíbrio”, conceitualmente agroecossistema sustentável é

(...) o que mantém a base de recursos da qual depende, conta com um uso mínimo de insumos artificiais vindos de fora do sistema de produção agrícola, maneja pragas e doenças através de mecanismos reguladores internos e é capaz de se recuperar de perturbações causadas pelo manejo e colheita (GLEISSMAN, 2005, p. 565).

Dessa forma a base da sustentabilidade estaria ancorada no tempo, ou seja, no futuro, esse é um dos fatores, considerados importantes na sua compreensão, e que acaba sendo limitador nas análises, pois, demanda acompanhar os processos produtivos para ver se esses continuam produtivos ao longo do tempo sem degradar seus recursos.

Alguns dos elementos da sustentabilidade, de acordo com Gleissman (2005) podem ser encontradas em agroecossistemas tradicionais, esses são em muitos casos, exemplos de práticas agrícolas sustentáveis, pois, desenvolveram-se em épocas e locais, onde não havia disponibilidade de outros insumos, além do trabalho humano e dos recursos naturais locais.

Há muitos exemplos de sistemas agrícolas bem-sucedidos, caracterizados por sua grande diversidade de culturas e animais domesticados, pela manutenção e melhoria das condições do solo e por sua gestão da água e da biodiversidade – todas essas práticas baseadas no conhecimento tradicional. Esses sistemas agrícolas não só têm alimentado grande parte da população mundial em diferentes partes do mundo, particularmente nos países em desenvolvimento, como também oferecem muitas respostas possíveis para os desafios da produção e da conservação dos recursos naturais que afetam o meio rural. (ALTIERI, 2012, p. 17)

Essas práticas perduram em alguns locais, como no caso de alguns faxinais, aonde o conhecimento das práticas transcorreu gerações e vem se adaptando as mudanças, pois, mesmo sendo manejados há muito tempo esses agroecossistemas continuam produtivos, sinal

notório de uma estabilidade ecológica e social, essas características serão importantes na atualidade para se pensar na agroecologia.

As principais características dos agroecossistemas tradicionais são: a não dependência de insumos externos; a utilização recursos renováveis e disponíveis localmente; a busca pela reciclagem dos nutrientes; pelo impacto negativo mínimo; adaptação as condições locais; utilização dos recursos de forma ótima; mantêm diversidade espacial e temporal e continuidade; conservam a biodiversidade biológica e cultural; dependem de variedades locais de cultivo e frequentemente incorporam plantas e animais silvestres; usam a produção para suprir inicialmente as necessidades locais; são relativamente independentes de fatores econômicos externos (autossuficiência); construídos com base no conhecimento e cultura dos habitantes locais (Gleissman, 2005).

Todas estas características aproximam os agroecossistemas tradicionais de agroecossistemas que preconizam serem mais sustentáveis, desse modo, os sistemas agroecológicos são profundamente enraizados na racionalidade ecológica da agricultura tradicional.

Entretanto, ressalta Gleissman (2005) as práticas tradicionais não podem ser simplesmente transplantadas em regiões onde a agricultura já foi ou se encontra “modernizada”, o caminho seria um longo processo de conversão, que procura inicialmente mesclar as práticas (sistemas híbridos) aumentando a eficiência das práticas convencionais, a fim de reduzir o uso e o consumo de insumos escassos, caros ou ambientalmente danosos, posteriormente, em um segundo nível, substituir insumos e práticas convencionais por práticas alternativas e finalmente redesenhar o agroecossistema de forma que ele funcione baseado em um novo conjunto de processos ecológicos.

Em buscar de entender como estão organizados os agroecossistemas dos faxinalenses (sustentáveis, híbridos e menos sustentáveis), procuramos identificar nas três propriedades, características que refletissem de certa forma, os três modelos discutidos anteriormente, a partir dos conhecimentos práticos dos agricultores (conforme quadro 1).

Quadro 1: Modelos de sistemas agrícolas

Modelos/Questões	Agricultor 1: Sistema Convencional	Agricultor 2: Sistema Híbrido	Agricultor 3: Sistema Agroecológico
Produção antigamente	Feijão, Milho, Arroz, Fumo, Mandioca, Batata-doce, hortaliças.	Feijão; Milho.	Arroz; Milho; Feijão; Trigo.
Produção atualmente	Soja; Feijão; Milho; Mandioca; Batata-doce.	Feijão; Milho; Soja; Mandioca; Cana de açúcar; Aveia; Batata-doce; Amendoim; Alho; Hortaliças.	Soja orgânica; Soja convencional (mas utiliza caldas no manejo esta fazenda testes); Milho crioulo (Catingueiro, Sabugo fino); Milho convencional (branco); Erva-mate; Mandioca; Feijão; Arroz (amarelo); Hortaliças.
Manejo antigamente	Sistema de queimadas (Taquara - Queimadas-Bracatinga).	O solo era mais remexido	Produção tradicional, sem veneno, uso de esterco.
Manejo atualmente	Aveia (plantio direto); Adubos químicos e Agrotóxicos.	Rotação de culturas; Agrotóxicos (pouco); Compostagem; Humus; Esterco (gado, galinhas); Adubos químicos; Adubação verde (aveia, mucuna, etc.); Calcário; Enxada (controle de daninhas); Cobertura morta (palhas de feijão, de soja, e de milho); plantio direto.	Calda da pimenteira (uso das folhas para sulfatar as plantas); Calda bordaleza; Super Magro; Calda de cinza, Calda do sapé do pinheiro (para berne nos animais); Calda da folha de pessegueiro e pimenteiro bravo (controle da lagarta); Cobertura viva e morta; Adubação verde (aveia, ervilhaca, nabo forrageiro); Roçadas; Plantios consorciados (crotalaria com o milho, milho e feijão, arroz e milho); Irrigação por gravidade; Adubo orgânico feito a partir do esterco orinundo da própria propriedade (frango, porco, gado); Urina de vaca (adubo foliar e repelente).
Maquinários usados	Trator e implementos (grade, plantadeira); Plantadeira manual (catraca); Colheitadeira (paga hora máquina).	Bico de pato; Trator; Plantadeira; Plantadeira manual; Arado (tração animal); Colheitadeira (paga hora máquina).	Trator e implementos (grades, "roma", plantadeira, etc.); Rolo faca tração animal (plantio direto); Pulverizador tração animal (adubo foliar); Arado tração animal.
Sementes	Convencional (milho); Feijão (crioulo).	Crioula; Convencional.	Crioulas (esta resgatando sementes antigas); Convencionais.
Trabalho	Familiar (colheita).	Familiar.	Familiar.
Definição das terras (solo)	Terra vermelha, Terra não tão Vermelha e Terra Branca.	Vermelha (melhor) e Branca.	Define o solo como um organismo vivo que precisa ser "nutrido", ressalta que a terra "não é tão fraca o problema é o nitrogênio", mas "concerta" esse déficit com a adubação verde (nabo forrageiro, ervilhaca e outros).
Área de plantio	5 alqueires - arrenda a terra ou planta em sociedade.	2 alqueires, mais áreas arrendadas.	7 alqueires (dividos em 2 propriedades, planta em sociedade com o filho)
Assistencia técnica	Não.	Sim (Emater).	Recebeu por muito tempo assistência da AS-PTA. Atualmente Emater.
Recursos	Próprios, Sócios, Arrendamentos.	PRONAF; PAA; PNAE.	PRONAF, PAA; PNAE; Família.
Comércio	Atravessador e Cooperativa.	PAA; PNAE.	PAA; PNAE.
Sistemas diferenciados (Agroflorestas)		Agrofloresta criada para proteger nascentes, com: Bananeiras; Uva japão (exótica); Caneleira; Canela Guaicá; Erva mate; Tarumã; entre outras espécies nativas.	Erva mate sombreada e um início de Agrofloresta, com espécies nativas como: Canela; Bracatinga; Araucária; Marmeleiro; Pitanga; Araça, Pessegueiro bravo, Capoteira; Timbó; Uva japão (exótica); Plantas frutíferas: mexirica, morgote, laranja, caqui, pessego, entre outras.

As entrevistas foram abertas, ou seja, não tínhamos um roteiro pré-estabelecido, mas algumas questões foram colocadas em todas as conversas e essas foram utilizadas aqui, pois, dão conta de exemplificar a diferença entre os sistemas de práticas produtivas.

As três propriedades são classificadas como pequenas, entre 2 e 7 alqueires, sendo que em dois casos os agricultores arrendam terras de outros agricultores, pelo seu espaço ser muito limitado, não dando conta da subsistência familiar. O trabalho realizado nas propriedades é totalmente familiar, os recursos advêm, de programas governamentais, próprios, da família, de sócios e de arredamentos. A comercialização é feita, por meio de programas governamentais, com atravessadores e com cooperativas.

Nos espaços de uso privado dos territórios, ou seja, nas terras de plantar o agricultor 1⁴, insere-se no sistema convencional, este pode ser classificado no *modelo menos sustentável*, pois, o agricultor diminuiu a diversidade de produtos ao longo do tempo, mesmo mesclando produções tradicionais, como o milho, feijão, mandioca e a batata-doce que servem tanto para o autoconsumo bem como para a comercialização, o foco está na produção para o mercado, como é o caso da soja (monocultura). O manejo tradicional (queimadas-taquara e queimadas-bracatinga)⁵ que era muito comum entre os agricultores tradicionais, foi substituído completamente neste caso por insumos externos, pelos adubos químicos e agrotóxicos, até usa-se a aveia na intensão de adubar a terra, mas no processo de plantio direto é utilizado agrotóxicos que seca a planta. O agricultor utiliza para as grandes produções sementes convencionais, apenas, para autoconsumo, mantém as sementes de feijão crioulo. Suas terras são aradas, principalmente por grandes maquinários como trator e colheitadeira, o que acarreta compactação do solo. Este agricultor alega não receber nenhum tipo de assistência técnica. O agricultor classifica suas terras como vermelha, não tão vermelha e branca. Este agricultor ao longo do tempo vem se afastando do sistema tradicional de produção, seu agroecossistema foi sendo simplificado, através da inserção de monoculturas, o equilíbrio do solo vem sendo desfeito com a utilização de insumo externos, suas práticas de manejo não estão levando em consideração a manutenção do agroecossistema em médio e longo prazo, e os conhecimentos tradicionais vem sendo substituídos pela racionalidade da agricultura capitalista moderna.

⁴ Decidiu-se por não identificar os agricultores com seus nomes, por isso, utilizou esse formato.

⁵ O sistema agroflorestal tradicional com bracatinga pode ser considerado, como o mais antigo sistema de produção racional de lenha no sul do Brasil, anterior mesmo à eucaliptocultura. Ele foi desenvolvido totalmente com base na vivência prática dos agricultores. (BAGGIO, et al. 1986)

O agricultor 2, pode ser classificado no *modelo híbrido*, pois ao longo do tempo diversificou sua produção, saindo de uma produção tradicional (feijão-milho), procurou ampliar suas práticas de manejo, mas ainda continua utilizando adubos químicos (em pequenas quantidades), em uma de suas áreas que é relativamente pequena (2 alqueires) procura utilizar maquinários de pequeno porte com tração animal, e nas áreas arrendadas, onde produz soja, utiliza maquinários de grande porte. Esse agricultor procura manter e ampliar a quantidade de sementes crioulas, mas alegou que nem consegue manter as sementes crioulas e não é fácil encontra-las no mercado. O faxinalense classifica suas terras como vermelha (melhor) e branca. Disse receber sempre que precisa de assistência técnica e sempre procura saber como produzir os alimentos de forma orgânica, e possui na propriedade uma área diferenciada, um início de agrofloresta (com frutíferas e espécies nativas), criada com o objetivo de proteger as nascentes que estão dentro da propriedade, à água das nascentes é consumida pela família. Pode-se dizer que este agricultor estaria em um estágio de conversão, classificado por Gleissman (2005) entre o primeiro e segundo nível, pois, esta aumentando a eficiência de suas práticas produtivas convencionais, reduzindo o uso de insumos externos, e substituindo práticas convencionais por práticas alternativas.

O agricultor 3, classificado como agroecológico, encaixa-se no modelo considerado *mais sustentável*, este agricultor é agroecológico a mais de 10 anos, isso fica evidente na produção diversificada, na não utilização de insumos externos, o faxinalense é um considerado experimentador, pois, procura aplicar na sua propriedade tudo que vai aprendendo com técnicos, com outros agricultores, mostrando-se um grande conhecedor das práticas que aplica. Seus maquinários, são adaptados a pequenas produções (pouco impacto), como é o caso do rolo faca, e outros que utilizam tração animal. Procura utilizar só sementes crioulas, relatou que esta resgatando algumas sementes que eram utilizadas antigamente, um grande diferencial deste agricultor é sua definição do solo, pois, este não define o solo visualmente pela sua cor, para este, o solo é um “organismo vivo”, que precisa ser nutrido, a terra corrigida controlaria as pragas, fazendo uma analogia à saúde humana, do mesmo modo que, “se uma pessoa estiver desnutrida qualquer gripe deixara-a mais debilitada, a terra mesma coisa, se estiver fraca, também irá sofrer”. Destacou que demorou uns dois anos para equilibrar o solo, nesse período não conseguiu produzir quase nada, mas agora acha que esta equilibrado. Este agricultor contou durante muito tempo com a assistência técnica da AS-PTA, esta foi extremamente importante para o agricultor. O agricultor junto a outras famílias,

estão se organizando para certificarem a produção. Outro diferencial na propriedade é um plantio de erva-mate sombreada na floresta de Araucárias, e iniciou uma agrofloresta. Desse modo, pode-se concluir que este agricultor busca utilizar todos os princípios para que seu agroecossistema seja sustentável, este foi redesenhado, para que os processos ecológicos atuem de forma equilibrada, seria o modelo ideal de acordo com Gleissman (2005).

As turnês guiadas (etnocaminhadas)

As turnês guiadas, denominadas também de etnocaminhadas, consistiram uma caminhada guiada por um ou vários moradores da comunidade, com objetivo de identificar as potencialidades e as fragilidades da área do criadouro comum ‘espaço coletivo’, é uma ferramenta importante, pois, contribuiu para visualizar as condições atuais do criadouro. Neste trabalho foram elencadas as turnês guiadas realizadas em dois faxinais, no faxinal Taquari dos Ribeiros em Rio Azul e no faxinal do Salto em Rebouças.

No faxinal Taquari dos Ribeiros em Rio Azul, foi realizada uma turnê guiada pela área de floresta do criadouro comum, com o objetivo de elencar as potencialidades turísticas. Neste, observou-se que o local teria condições para a prática do turismo natural, rural e cultural, pois ali, existem trilhas na floresta de Araucária, que poderiam ser adaptadas para este fim, assim como algumas quedas d’água (cachoeiras) no Rio Taquari, conforme pode-se observar nas imagens (fotos, 1 e 2).



Fotos: 1e 2: Criadouro comum faxinal Taquari dos Ribeiros.
Fonte: Engelmann, S. A

No faxinal do Salto em Rebouças, foi realizada uma turnê guiada pelo criadouro comum, com objetivo de identificar as espécies nativas do bosque (foto 3). Durante a caminhada, pode-se perceber que muitas áreas do criadouro comum, encontram-se cercadas

ou em processo de cercamento (foto 4), tanto em áreas dos antigos moradores, como de moradores que compraram terras recentemente.



Fotos 3 e 4: Área do criadouro comum: bosque e cercamentos
 Fonte: Engelmann, S. A.

Pode ser notado, que a área do criadouro comum, que existe no momento, é apenas uma faixa de mata, algumas áreas que faziam parte do mesmo, depois de cercadas, foram totalmente desmatadas, e estão com solo exposto (fotos 5 e 6). Nota-se também, que existem algumas áreas com pouca vegetação, e algumas tomadas pela “quaqueja”, e pelos “cupinzeiros”, com solos muito frágeis em estágio de degradação (fotos 7 e 8), nessas áreas a equipe avaliou que teriam potencial para a implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), como uma forma de recuperar a área.



Fotos 5 e 6: áreas desmatadas do criadouro comum, solo exposto.



Fotos 7 e 8: solos frágeis e degradados, cupinzeiros e carquejas
 Fonte: Engelmannm, S. A.

Pode ser percebido também, que na área do criadouro existem alguns potenciais turísticos com belas paisagens, com bosques, rios e lagos (fotos 9, 10 e 11). Durante a caminhada pode ser notado que a área do criadouro é repleta de espaços com água, entretanto, esse recurso natural vem sendo contaminado com agrotóxicos (foto 12), durante a caminhada a equipe se deparou com um agricultor (que apenas planta no faxinal) retirando água de um riacho com os equipamentos de pulverização, que iria ser aplicada em uma plantação de batatas, os faxinalenses destacaram que é uma situação recorrente que vem acontecendo no local, e que vem trazendo grandes prejuízos a comunidade.





**Fotos: 9, 10, 11 e 12: Paisagens do criadouro comum e processo de poluição das águas do criadouro.
 Fonte: Engelmann, S. A.**

Com relação ao uso coletivo do espaço - o criadouro comum – observou-se previamente que nos dois faxinais, este é o espaço que existem mais conflitos, decorrentes principalmente dos cercamentos, que rompem a lógica de uso coletivo. Entretanto, é também o espaço com natureza mais preservada, seu uso não a destrói, pois, os faxinalenses desenvolveram, ao longo do tempo um saber-fazer, com conhecimentos específicos sobre sua territorialidade as quais se manifestam por meio de práticas tradicionais que procuram preservar os recursos naturais. Nesse sentido, possui grandes potencialidades paisagísticas. Assim, sua compreensão de uso pode contribuir para reforçar a importância da manutenção desse espaço, para as comunidades faxinalenses e ressignificando estes espaços para novos usos, como é o caso do turismo rural ecológico e cultural.

Referências Bibliográficas

- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ªed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- BAGGIO, A. J. et al. Sistema agroflorestal da bragatinga com culturas agrícolas anuais. **Boletim de Pesquisa Florestal**, Colombo, nº 12, p. 73-82. 1986.
- BARRETO, Marcelo. O ICMS Ecológico na manutenção do modo de vida dos Camponeses Faxinalenses do Paraná. XI Encontro nacional da ANPEGE. Anais... XI Encontro Nacional da Anpege a Diversidade da Geografia Brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação de 9 A 12 de outubro, 2015. p.1369-1378.
- BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Institui Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- BRASIL. Instrução Normativa Conjunta Nº 17, de 28 de maio de 2009. Normas técnicas para a obtenção de produtos orgânicos oriundos do extrativismo sustentável. Disponível em: <<http://aao.org.br/aao/pdfs/legislacao-dos-organicos/instrucao-normativa-conjunta-n17.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- CHANG, Man Yu. Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. 121 p. (Boletim).
- CRUZ, Valter do Carmo. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Orgs). Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007. p.93-122.
- DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira (Orgs.). Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil. São Paulo: Ed. USP, 2000.
- FLORIANI, N. **Saberes e práticas de territórios agroecológicos**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2011.
- GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3ª ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2005.
- LITTLE, Paul. E. Territórios sociais e povos tradicionais do Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Artigo. Brasília: UNB, 2002, 32 p. Disponível em <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PaulLittle__1.pdf>. Acessado em: 26 mai. 2017.
- NERONE, Maria Magdalena. Sistema faxinal: terras de plantar, terras de criar. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2015.

PARANÁ. Decreto Estadual no. 3.446 de 14/08/1997. Disponível em: <http://celepar7.pr.gov.br/sia/atosnormativos/form_cons_ato1.asp?Codigo=451>. Acesso em: 14 set.14.

PORTO-GONÇALVES. C. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RADOMSKY, Guilherme F. W. Certificações, Sistemas Participativos de Garantia e Agricultura Ecológica: aspectos da relação entre agricultores e consumidores. In: NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado organizadores. **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba : Kairós, 2013. 393 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SCHNEIDER, Sérgio. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 6, nº11, jan./jun.2004, p. 88-125.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. Uso múltiple y biodiversidad entre los Mayas Yucatecos (México). *Interciência*, v. 33, n. 5, p.345-352, mai. 2008.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP Brasília: ed. MDA, 2006.